



REPENSANDO A BRUXARIA NÓRDICA MEDIEVAL

Johnni Langer*

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

johnnilanger@yahoo.com.br

Bruxas e bruxaria. Definitivamente, um dos temas historiográficos mais polêmicos e repletos de concepções teóricas.¹ Mas a maior parte dos estudos tem se concentrado no período moderno, onde as acusações e os processos de execução são mais quantitativos e politicamente importantes. No imaginário popular, porém, predomina a associação das bruxas com a “Idade das Trevas”, esse período obscuro inventado pelos renascentistas. De qualquer modo, a origem e difusão das representações sobre bruxaria provem da Idade Média Central, e são repletas de lacunas, problemáticas e desafios para os historiadores contemporâneos.

Neste sentido, muito mais do que dar respostas, o recente lançamento do livro **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**² propõe a alargar os horizontes investigativos sobre o tema. Mitchell é professor de estudos escandinavos da Universidade de Harvard e já havia publicado diversos estudos nesta área.³ Primeiramente realizaremos uma síntese crítica das diversas partes do livro, para em

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP. Coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (www.nevevikings.tk). Bolsista da FAPEMA.

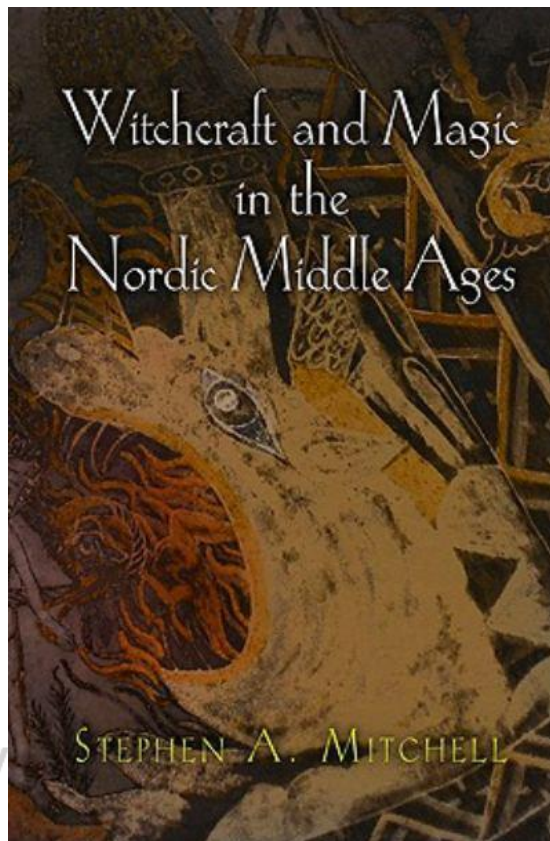
¹ Sobre historiografia da bruxaria medieval e moderna, consultar: SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987, p. 38-52; NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. São Paulo: Edusc, 2004, p. 41-71; RUSSEL, Jeffrey & ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008, p. 47-61.

² MITCHELL, Stephen. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011. 368 p.

³ Os principais estudos do autor são respectivamente: MITCHELL, Stephen A. Learning magic in the sagas. In: BARNES, Geraldine & ROSS, Margaret Clunie. (Ed.) **Old Norse Myths: literature and society**. Sydney: Centre for Medieval Studies, p. 335-345, 2000; MITCHELL, Stephen A. Blåkulla and its antecedents: transvection and conventicles in nordic witchcraft. **Álvismál**, n. 7, p. 81-100, 1997.

seguida debater suas idéias dentro da Escandinavística e da historiografia européia sobre bruxaria.

Em sua *Introduction*, Mitchell esboça referenciais teóricos, situando suas fontes dentro dos estudos escandinavos. A obra procura analisar o fenômeno da magia e suas implicações no período que vai de 1100 a 1525, particularmente preocupando-se com as construções ideológicas da bruxaria enquanto heresia diabólica, a partir de fins do século XIII. Apesar de não ser um estudo sobre magia da Era Viking, suas conexões são inevitáveis – uma das fontes essenciais para esse recorte são as sagas islandesas, compostas entre os séculos XIII e XIV. As atividades descritas nestes registros literários, afinal, foram produtos diretos de uma tradição oral dos tempos vikings? Ou foram influenciados por concepções cristãs



de diabolismo e bruxaria, advindas do continente? As opiniões divergem. Mitchell procura sintetizar algumas das pesquisas mais importantes neste sentido: de um lado François Xavier Dillmann e Neil Price, que argumentam positivamente pelo valor histórico das sagas, e de outro, autores como Catherine Raudvere, que questionam as mesmas. O posicionamento de Stephen Mitchell, como veremos, envereda por um meio termo, apresentando ao mesmo tempo uma concepção original.

Quanto aos métodos, o capítulo *Witchcraft and the past* apresenta o principal argumento do autor: descartar o tradicional modelo de elite *versus* população, tão comum nos estudos de religiosidade popular. A visão de mundo da magia atingiria tanto sacerdotes, príncipes e mercadores, quanto a camponeses, prostitutas e trabalhadores urbanos. Não ocorreria uma oposição entre elite soberana e campesinato iletrado, por exemplo. E novamente Mitchell penetra no campo da veracidade das fontes literárias para o estudo da magia dos tempos pré-cristãos: quanto do pensamento pagão foi preservado após a conversão? As concepções mágicas escandinavas da Idade Média

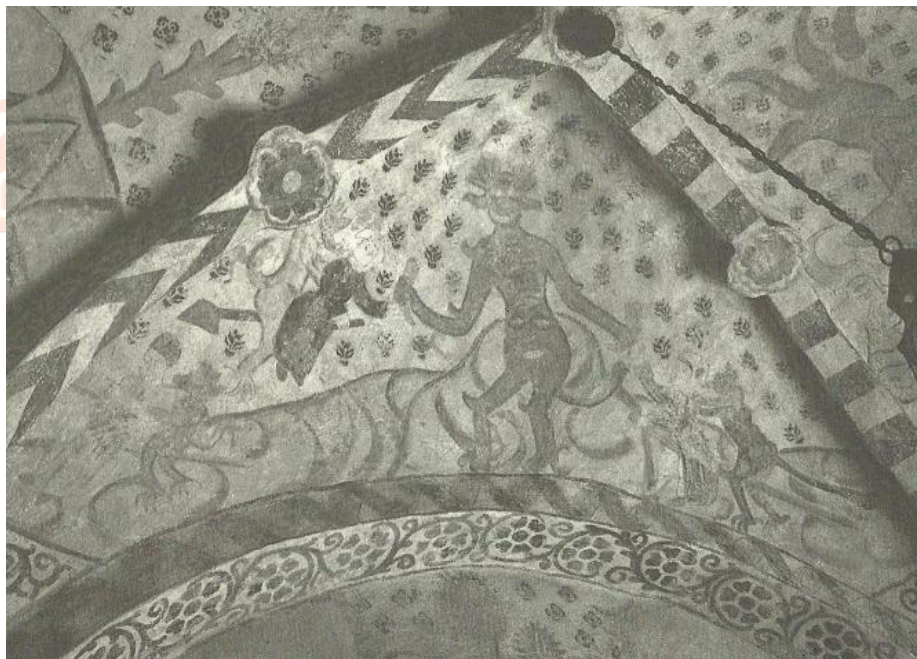
Central representavam uma continuidade com a visão de mundo pagã ou foram apenas representações idealizadas do passado? Influenciado pelos estudos de metalinguagem, Mitchell explora a magia enquanto um discurso, um sistema especial de signos que era central na vida diária das pessoas. Por exemplo, no famoso episódio do confronto entre o missionário Thangbrand e um *berserker* (citado na **Kristin saga** e **Njáls saga**),⁴ utilizam essencialmente as mesmas técnicas (mas invocando a Deus e afetando o resultado da luta). A magia neste caso foi a base de um sistema de comunicação entre cristianismo e paganismo, empregado pelo escritor da saga como um caminho para elogiar o primeiro e rebaixar o segundo. A historiografia tradicional percebia o cristianismo como triunfante de forma completa, uniforme e hegemônica na Escandinávia. Mas ao contrário, com o referencial da magia enquanto signo comunicativo, averiguamos que no período de transição e de conversão ocorreram reinterpretções das práticas pagãs. Assim, mais que falar de sobrevivência do paganismo, percebemos a ocorrência de um sincretismo pagão-cristão, mas de tipos diferentes: de um lado, o nível onde os elementos individuais do paganismo são acomodados na nova fé; e de outro, o nível de sistemas, onde os segmentos e ideologias são transferidos entre as religiosidades. Com isso, pensar em sobrevivência de elementos pagãos não autoriza a se pensar em uma veneração oculta, em cultos secretos mantidos após o período de conversão. E nem em um triunfo total do cristianismo, onde todos os vestígios pagãos foram eliminados.

O capítulo seguinte (*Magic and Withcraft in Daily life*) explora os usos cotidianos das práticas mágicas. Aqui temos também outra inovação do autor, ao tratar o cristianismo não apenas como uma religião institucionalizada, mas também com um vasto repertório mágico e mitológico.⁵ Que se modificou e foi transformado com a conversão nórdica. Os espaços mais óbvios desse sincretismo foram a saúde e a

⁴ Para uma abordagem deste episódio, consultar: LANGER, Johnni. Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da Njáls saga. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 10, p. 3-22, 2011. Disponível em: <www.dhi.uem.br/gtreligiao> Acesso em: 05/01/2011.

⁵ Uma óbvia influência do historiador britânico THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 155-214. No Brasil, também temos algumas pesquisas que tratam de uma mitologia advinda do cristianismo: “o cristianismo medieval era um vasto sistema de representações mentais, verbais, gestuais e imagísticas, através do qual os homens de então atribuíam certa ordenação e certo sentido ao universo, era exatamente porque ele era uma mitologia”. FRANCO JÚNIOR, Hilário. Cristianismo medieval e mitologia. In: FRANCO JÚNIOR, _____ (Org.) **A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 53.

sexualidade, centros da vida doméstica, mas também atingindo mesmo a hagiografia e a medicina clerical. E muitas vezes, temos a magia utilizada para fins individuais, recebendo noções de bruxaria diabólica. Particularmente, o autor concede o campo da magia amorosa como tendo uma tradição arcaica nativa, especialmente materializada no poema éddico **Skírnismál**, entre a gigante Gerd e o deus Freyr. E as profecias, de forma semelhante ao universo sexual, mesclaram tradições pré-cristãs e tiveram papel importante no momento da conversão. O clima também não ficou à margem, pois o cotidiano da colheita, navegação e pesca dependia totalmente dele: em diversas sagas islandesas, temos o envolvimento de bruxos acusados de provocar tempestades, mas também santos nórdicos criavam interferências mágicas no clima. De todas as práticas, a performance da maldição é a que recebeu maior tratamento analítico de Stephen Mitchell, especialmente nos poemas **Skírnismál**, **Buslubæn** da **Bósa saga**,⁶ **Egill saga**, entre outras fontes, demonstrando uma longa tradição do maldizer nórdico, talvez conectada ao mundo anglo-saxônico.



Pintura retratando uma bruxa e um diabo em jornada para Blåkulla, em frente a Satã. Igreja de Knutby kyrka, Suécia, 1490. Fonte: MITCHELL, Stephen. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 128.

A retratação de temas diabólicos e bruxescos no interior das Igrejas medievais, além do caráter pedagógico, reforçavam a crença em temas tanto do folclore popular quanto de representações teológicas e eruditas.

⁶ Para uma análise deste poema e seu contexto na prática da feitiçaria escandinava, consultar: LANGER, Johni. Galdre e feitiçaria nas sagas islandesas: uma análise do poema Buslubæn. **Brathair**, vol. 9, n. 1, p. 66-90, 2009. Disponível em: <www.brathair.com> Acesso em: 05 Jan. 2011.

Os aspectos narrativos são aprofundados no capítulo *Narrating Magic, sorcery and witchcraft*, concentrando-se em quatro fontes literárias: as **Eddas**, as sagas islandesas, as narrativas eclesiásticas e a literatura de corte. Na mitologia, a deidade que mais recebeu conexões com magia foi Odin, considerado o chefe dos magos, relacionado à morte, à metamorfose animal, ao controle climático, às runas e ao *seiðr*.⁷ Algumas narrativas das **Fornaldarsögur**, as sagas lendárias, foram analisadas tendo relação direta com o **rímur**, poesia islandesa tardia. A principal conclusão de Mitchell é que a feitiçaria e a bruxaria foram tratadas como paganismo nas sagas, dentro da perspectiva do século XIII. A figura de Odin, neste caso, foi representada associada ao demônio pela *interpretatio Christiana*.

Um dos momentos mais marcantes da obra é o capítulo *Medieval Mythologies*, onde percebemos que tanto o cristianismo quanto o paganismo mesclaram-se para criar uma tradição mitológica sincrética – um ponto de vista inovador aos estudos escandinavísticos. Ao estudar a questão da jornada ao outro mundo, um tema típico da literatura escandinava, o autor se depara com a possível influência de temas advindos do continente, como o vôo das bruxas para o sabá. A primeira menção na área nórdica deste tema é a jornada para *Blåkulla*, e o autor tenta reconstituir a evolução do conceito para esta região – o *gandreið*, literalmente, vôo com bastão.⁸ *Blåkulla* é o nome de uma montanha sueca, onde o diabo apareceria durante a convenção das bruxas.⁹ Assim, a jornada para outro mundo, na **Njáls saga**, seria mais nativa do que a presente na **Ketil saga**. Neste caso, o autor questiona: o tema da transgressão social dos praticantes de magia e da assembléia de magos, teriam sido importados como parte de uma visão da

⁷ Prática mágica para diversas finalidades e de caráter essencialmente feminino, ocorrida na Escandinávia da Era viking. A respeito do *seiðr* e de seus vínculos com as sagas islandesas, consultar: LANGER, Johnni. *Seiðr e magia na Escandinávia medieval: reflexões sobre o episódio de Þorbjörg na Eriks saga*. **Signum**, vol. 11, n. 1, p. 177-202, 2010. Disponível em: <www.revistasignum.com> Acesso em: 05/01/2011. Sobre mitologia escandinava, verificar: LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora da UNB, 2009.

⁸ O bastão (*gandr*) foi um importante elemento simbólico e cultural nas práticas mágicas escandinavas durante a Era Viking (séc. VIII-XI), aparecendo constantemente nas sagas islandesas e poemas éddicos. Também a arqueologia encontrou várias evidências de bastões mágicos em sepulturas femininas do período viking. Cf. PRICE, Neil. *L'esprit viking en avence sur son temps*. In: BOYER, Régis (org). **Les vikings, premiers européens: les nouvelles découvertes de l'archéologie**. Paris: Éditions Autrement, 2005, p. 210-212.

⁹ Mas a primeira evidência narrativo-textual de um sabá na Escandinávia é de 1555, durante o século XIV. Cf. MITCHELL, Stephen. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 136.

elite sobre bruxaria? Mitchell prefere perceber mais a emergência de uma tradição nativa rearticulada com elementos externos, ou seja, uma inovação com continuidade no imaginário. Outro tema mitológico investigado é o roubo de leite e gado por bruxas e demônios, um tema também comum na Europa continental do baixo medievo. Novamente o autor inova, apresentando o imaginário não somente como produto intelectual dos teólogos, mas como uma série de representações derivadas do cotidiano dos camponeses.¹⁰ Neste sentido, existem muitas outras possibilidades investigativas ainda não exploradas pelos pesquisadores, como as conexões entre banquetes, festividades e alimentação associadas a questões religiosas e mágicas na Escandinávia Medieval.

Uma interessante discussão sobre a relação entre a tradição oral e a escrita, durante a transição do paganismo para o cristianismo, é o ponto central do capítulo *Witchcraft, Magic and the Law*. Também examinando os códigos jurídicos, o autor percebe algumas diferenças regionais, por exemplo, a bruxaria e a magia em geral tem maior papel nas leis cristãs da Noruega e Islândia. Nas leis da Dinamarca e Suécia, a feitiçaria praticamente não é mencionada. Mitchell não chega aprofundar com mais detalhes essas variações locais, abrindo espaço para trabalhos futuros.

O último capítulo, *Witchcraft, sorcery and gender*, examina as representações das praticantes de bruxaria, sendo influenciado por pesquisadores como Jenny Jochens, que percebem a figura da feiticeira como um reflexo da realidade social do período.¹¹ Na realidade, essas imagens são devedoras de toda uma longa tradição que retratavam as figuras femininas atreladas essencialmente a questões como visão do futuro, curas, manipulação dos mortos, poderes mágicos, que foram transformados em estereótipos literários como as valquírias, as gigantas e as incitadoras de conflitos das sagas islandesas. Mitchell se debruça em analisar várias personagens da literatura, especialmente Freydís, a rainha Gunnhildr, Sko-Ella, entre outras, percebendo como concepções misóginas e a idéia do pecado de Eva foi atrelada a essa tradição arcaica dos nórdicos. No caso das bruxas das sagas, elas são interconectadas aos protagonistas,

¹⁰ “For the medieval ‘everyman’, witchcraft is not merely a theological issue but a practical problem requiring practical solutions”. MITCHELL, Stephen. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 144.

¹¹ Dois trabalhos desta autora são especialmente importantes para essa questão: JOCHENS, Jenny. Old Norse Magic and gender. **Scandinavian Studies** n. 63, p. 305-315, 1991; JOCHENS, Jenny. Review of François-Xavier Dillman, *Les magiciens dans l’Islande ancienne*. **Scandinavian Studies** n. 78, p. 488-492, 2006.

tanto em aspectos marciais quanto sexuais, e quase sempre como obstáculos ao percurso heróico da narrativa.

No desfecho do livro, *Epilogue*, o historiador realiza um levantamento de dezoito problemáticas de investigação, revelando um potencial muito rico para os futuros trabalhos na área, especialmente conectados à cultura popular e pensamento teológico, do qual elencamos os mais importantes: o papel da magia no mundo pré-cristão; a relação entre magia cristã e pagã; as variedades de magia erudita, incluindo tradições judaicas e alquímicas; as tradições pan-européias e nativas para os encantos mágicos escandinavos; os aspectos operacionais da magia e suas representações literárias; as diferenças da magia no mundo contemporâneo das sagas e os do passado; como as leis seculares e os códigos legais tiveram diferenças de registro e tratamento sobre bruxaria nas diferentes nações; como a idéia da bruxa como mulher má esteve relacionada com o controle da vida social das comunidades; como a construção cultural da feitiçaria afetou as atitudes nórdicas sobre gênero, poder, masculinidade e feminilidade.

O livro de Stephen Mitchell pode ser refletido conjuntamente dentro de dois pontos historiográficos, primeiro com os estudos escandinavísticos e em segundo, com as investigações gerais sobre bruxaria européia. Tradicionalmente, os estudos das práticas de magia na Escandinávia enfocavam basicamente dois períodos, a Era Viking (séculos VIII ao XI) e o período de reforma (séculos XVI ao XVII). Essa lacuna temporal e as devidas relações de continuidade e inovação com as crenças da Alta Idade Média e Idade Média Central, o livro de Mitchell tenta em parte, sanar. Com relação ao material literário produzido entre os séculos XIII e XIV, especialmente as sagas islandesas, o posicionamento atual se faz em dois segmentos: um influenciado pelos estudos culturais, antropológicos e arqueológicos, que percebe a fonte escrita como o registro de dados etnográficos de sua época; e outro, influenciado pelos autores pós-modernos, que generalizam a magia nas sagas como produtos meramente estereotipados e ficcionais, não tendo nenhuma relação direta com a continuidade de crenças advindas da Era Viking ou mesmo do momento em que foram compostas. Apesar de perceber os temas mágicos como práticas discursivas, Mitchell também concorda com uma sobrevivência direta e reformulada de material nativo: “Much, indeed, changes over the interim, as the presumably socially approved, and even lauded, magic of the Viking world is transformed throughout the Middle Ages into Scandinavia’s Reformation-era

vision of witchcraft”.¹² Aqui temos uma perceptível influência dos estudos arqueo-históricos de Neil Price, sócio-culturais de Eldar Heide e sócio-literários de Britt Solli e Clive Tolley.

Quanto à historiografia da bruxaria européia, a principal contribuição de Mitchell é a de reverter o quadro diacrônico na construção dos estereótipos da bruxaria moderna. Em vez de perceber apenas as idéias, imagens e representações elaboradas pelo continente, penetrando no final do medievo pela Escandinávia, Mitchell pensa que elas tomaram um caminho inverso – pelo menos algumas narrativas (como o vôo das bruxas), podem ter origem nórdica. Assim, o multifacetado quadro apresentado por Carlo Ginzburg, no qual a imagem do sabá durante o século XIV teria se originado do xamanismo asiático,¹³ se torna ainda mais complexo. Em outro aspecto, a publicação desta obra retoma aspectos essencialmente culturais na investigação da feitiçaria, tentando compreender o papel e o espaço assumidos pelas práticas mágicas na sociedade medieval, seguindo as reflexões de Keith Thomas e Alan Macfarlane.

Desta maneira, o livro é altamente recomendado não somente para os estudiosos da área escandinava, da Idade Média em geral, da história da magia e da bruxaria, mas também a todos os interessados no imaginário europeu do momento da transição para os tempos modernos, que se revela muito rico em fontes históricas, repleto de possibilidades investigativas, mas ainda com pesquisas muito escassas.

¹² MITCHELL, Stephen. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 206.

¹³ GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. Ginzburg reexamina algumas questões teórico-metodológicas desta perspectiva em outro trabalho mais recente, *Feiticeiras e xamãs*. (_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.)